

A escrita do *sinthoma* segundo a lógica não toda fálica

The sinthome writings according to the not all phallic logic

La escritura del sínthoma de acuerdo con la lógica no toda fálica

Nelly Brito*
Heloisa Caldas**

Resumo

As questões que pautam o presente texto surgem da experiência de trabalho como psicóloga em diferentes serviços da rede pública de saúde mental e são desdobradas em uma pesquisa acadêmica vinculada ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Pesquisa, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O texto objetiva desenvolver pontos da teoria psicanalítica para pensar a operação de sexuação como modo singular de tratamento de gozo para cada ser falante. Para tanto, a distância entre o real da coisa e suas representações é abordada. Explora-se o erro comum que acopla distintos modos de gozo à existência de dois sexos. Em seguida são investigados os limites implicados nas tentativas de compartilhar questões indizíveis acerca do que se passa no corpo a partir do gozo sexual. Depois de passar pelos efeitos de uma sexuação sintomática ligada ao erro comum, a discussão toca outras possibilidades de tratamento do gozo, principalmente com base nas elaborações lacanianas acerca de James Joyce. Como conclusão, são apresentadas

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Pesquisa, da UERJ / RJ – Bolsista CAPES. Mestre em Teoria Psicanalítica pela UFRJ / RJ – Bolsista CNPq. Professora do Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação (IBMR / RJ). Pesquisadora do “Projeto Teste Perto de Você” – Bolsista FIOTEC. E-mail: nellybrito3@hotmail.com

** Doutora em Psicologia pela UFRJ / RJ. Mestre em Linguística pela UFRJ / RJ. Docente do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPSA-UERJ). AME (Analista Membro de Escola) da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Coordenadora do Observatório sobre A violência e as mulheres na América Latina da FAPOL. E-mail: helocaldasr@gmail.com

questões que destacam a lógica do não todo fálico como via que aponta para uma singularidade radical na escrita do sinthoma.

Palavras-chave: *Sexuação. Erro comum. Não todo. Escrita. Sinthoma.*

Abstract

The issues that guide this text arise from work experience as a psychologist in different public mental health services and are further developed in the academic production of research linked to the Postgraduate Program Psicanálise: Clínica e Pesquisa, at Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ - Rio de Janeiro State University). The text aims to expand points in psychoanalysis theory in order to consider the sexuation operation as a unique mode of the treatment of jouissance for every speaking being. The distance between the real in itself, and its symbolic representations is broached. The common misconception that pairs up distinct modalities of jouissance with cultural established sex difference is also explored. Then, the limits in sharing unspeakable issues about what happens in the body, concerning to sexual jouissance, are investigated. Next, considering the effects of a symptomatic sexuation connected to that common mistake, the discussion reaches other possibilities of treatment of jouissance, based mainly on the Lacanian elaborations regarding James Joyce. In conclusion, issues are presented that emphasize the not all phallic logic as a pathway that goes beyond the barriers of what is possible to share and points to a radical uniqueness in the writing of the sinthome.

Keywords: *Sexuation. Common mistake. Not all. Writing. Sinthome.*

Resumen

Las preguntas que guían este texto surgen de la experiencia de trabajo como psicóloga en diferentes servicios de la red públicos de salud mental y se despliegan en una investigación académica vinculada al posgrado en Psicoanálisis: Clínica e Investigación, de la Universidad del Estado de Rio de Janeiro (UERJ). El texto tiene como objetivo desarrollar puntos de la teoría psicoanalítica para pensar la operación de sexuación como forma singular de tratar el goce para cada ser hablante. Para eso, fue abordada la distancia entre lo real de la cosa y sus representaciones. Se explora el error común que hace un emparejamiento entre distintos modos de goce y la existencia de dos sexos. Seguidamente son investigados los límites implicados en los intentos de compartir cuestiones indecibles acerca de lo que pasa en el cuerpo a partir del goce sexual. Después de pasar por los efectos de una sexuación sintomática relacionada con el error común, la discusión toca otras posibilidades de tratamiento del goce, basados principalmente en las elaboraciones de Lacan sobre James Joyce. En conclusión, se presentan cuestiones que resaltan la lógica del no todo fálico como vía a la escritura del sínthoma.

Palabras clave: *Sexuación. Error común. No todo. Escritura. Sínthoma.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a pensar sobre a distância entre o real da coisa e suas representações, explorando o erro comum que acopla distintos modos de gozo à diferença sexual. Serão abordados, portanto, os limites implicados nas tentativas de compartilhar questões indizíveis acerca do que se passa no corpo a partir do gozo sexual. Ao final, depois de passar pelos efeitos dessa sexualização sintomática ligada ao erro comum, serão discutidas outras possibilidades de tratamento do gozo. Tomando como principal fundamento as considerações de Lacan (1975-76/2007) acerca do escritor irlandês James Joyce, o não todo é destacado como via que ultrapassa as barreiras do compartilhável e aponta para a singularidade radical do sinthoma.

No Seminário, livro 19, Lacan (1971-72/2012, p. 17) propõe que a diferença sexual na espécie humana é um tema balizado por um “erro comum”. Isso porque, qualquer que seja o parâmetro escolhido – biologia, papéis sociais, escolha do parceiro –, este sempre será insuficiente para traduzir aquilo que se passa no corpo. De um modo geral, a diferença sexual é pautada na anatomia dos genitais. Daí, desdobra-se uma série de problemas no que concerne ao sexo, posto que a representação guarda uma distância inexorável da coisa representada, como já apontava Hegel. Trocando em miúdos, seria possível afirmar que as confusões recorrentes a respeito do sexo se devem ao fato de este ser um tema extremamente ligado às representações singulares que o sujeito constrói, mas que, ao serem compartilhadas, caem no abismo sem fim do mal-entendido.

As concepções singulares da ordem do sexual foram exploradas por Freud no brilhante texto sobre as teorias sexuais infantis. Segundo o psicanalista (1908/2006), cada criança tece hipóteses particulares para explicar as obscuridades que tangem ao corpo próprio e dos outros, desdobradas para os enigmas sobre do mundo. Tais teses são fruto de fragmentos de informações vindas da educação e da vida pulsional da criança. Como resultado, as mais diversas teorias são forjadas pelas crianças para dar sentido à vida. Por força das exigências da cultura, essas teorias são paulatinamente deixadas de lado pelos pequenos, que delas não querem mais

saber ao crescerem. As teorias, porém, persistem no psiquismo e são base para os conceitos que cada um cria tentando lidar com o real a partir das representações.

Retomando a pauta da diferença sexual com base em Freud, pode-se justificar a proposta lacaniana do *erro comum*. Partindo do princípio de que os conceitos derivam de teorias sexuais infantis particulares, sempre que eles forem compartilhados com outros, haverá diferenças intransponível acerca daquilo que se pensa ser a mesma coisa para todos. Ora, a representação não alcança o estatuto da coisa, logo, esta permanece a mesma, mas os conceitos utilizados para aborda-la serão sempre da ordem do singular, do não inteiramente compartilhável.

Se Freud observou a sexualidade ligada ao inconsciente, ampliando-a quanto aos limites da genitalidade, talvez seja possível afirmar que Lacan extraiu daí consequências que lhe possibilitaram construir a noção de gozo. Observando o gozo como aquilo que pulsa no corpo com efeitos de prazer e desprazer extraídos das marcas que este recebe no laço com o Outro, Lacan adverte sobre uma certa tendência dos falantes em reduzir questões ligadas ao gozo àquilo que pretende ser compartilhado acerca do sexo, culminando em um erro comum.

O ERRO COMUM NA DISTÂNCIA ENTRE REPRESENTAÇÃO E COISA

Freud (1908/2006, p. 193) tece um comentário no mínimo curioso acerca da diferença sexual na espécie humana:

Se pudéssemos despojar-nos de nossa exigência corpórea e observar as coisas da terra com uma nova perspectiva, como seres puramente pensantes, de outro planeta por exemplo, talvez nada despertasse tanto a nossa atenção como o fato da existência de dois sexos entre os seres humanos, que, embora tão semelhantes em outros aspectos, assinalam suas diferenças com sinais externos óbvios.

Lacan cria o termo “sexuação” para lidar com o tratamento que o falante dá ao *nonsense* experimentado no corpo, considerando a função

da identificação nesta operação. O autor faz ressalvas acerca do que chama de “erro comum”. Segundo Lacan (1971-72/2012, p. 42), “a linguagem funciona, desde a origem, como suplente do gozo sexual. Através disso ela ordena a intromissão do gozo na repetição corporal”. Trata-se do que se poderia definir como uma teoria sexual infantil que, levada às últimas consequências, não só faz do gozo sexual – supostamente distinto em função da anatomia masculina ou feminina – uma metáfora para o inominável do que se passa no corpo, mas faz dele uma realidade. Esse é o “erro comum que não vê que o significante é o gozo e que o falo é apenas o significado” (Lacan, 1971-72/2012, p. 17).

A partir da leitura lacaniana das elaborações de Freud, observa-se que o erro comum à espécie humana se vincula à busca por qualquer pequena diferença que justifique a divisão acerca do gozo. Se, por um lado, Lacan ressalta a busca pela pequena diferença como um erro comum, por outro, não despreza o fato de que, na imensa maioria dos falantes, isto tem alguma funcionalidade. Pode-se supor que é exatamente para evidenciar o erro comum como um organizador da estrutura discursiva, sem deixar de criticá-lo, que Lacan se utiliza dos termos “homem”, “mulher”, “sexuação”, “gozo masculino” e “gozo feminino”. Ao subverter-lhes a função, ele radicaliza seu estatuto de meros significantes. Nas palavras do autor: “o homem, uma mulher, eu disse da última vez, não são nada mais que significantes. É daí, do dizer enquanto encarnação distinta do sexo, que eles recebem sua função” (Lacan, 1972-73/2008, p. 45).

UMA SEXUAÇÃO SINTOMÁTICA?

A *lógica proposicional* ou *formal* se baseia na abstração de argumentos: transpondo enunciados em símbolos, seu objetivo é reduzir as ambiguidades da linguagem dita natural (Souza, 2008). Com base no campo da lógica formal, Lacan (1972-73/2008, p.84) isolou as elaborações descritas acima num quadro contendo quatro “fórmulas proposicionais” da sexuação e suas respectivas “identificações sexuais”, divididas numa inscrição lógica do lado homem e do lado mulher. Como visto, a divisão dos modos de gozo se refere ao instrumento que opera a incidência significante nos corpos.

Desse modo, qualquer que seja o ser, enquanto falante, será sempre referido ao falo (Φ). Posto que tal fato os iguala, o mote para a possível diferença na inscrição dos falantes em distintos modos de gozo diz respeito, justamente, a como estes se referenciam ao falo enquanto recurso à impossibilidade de tudo dizer acerca do que se passa no corpo.

De acordo com Lacan (1971-72/2012, p. 98, 99), “a função fálica domina igualmente os dois parceiros, isto, no entanto, não os torna diferentes, persiste o fato de que é primeiro em outro lugar que devemos procurar a diferença”. Em outras palavras, não há significante cujo significado é “homem” ou “mulher”. Também não há parceiro sexual que, tomado como objeto, consiga levar à satisfação em sua plenitude de forma direta. “Ao contrário, está bem claro que é mais com o Φ maiúsculo que com o outro, o parceiro, que todos se relacionam” (Lacan, 1971-72/2012, p. 69). O falo, tomado como um significante, mostra que o único elo possível entre sujeito e objeto se dá por uma *não relação*. Não há senão uma falta de objeto que tenta ser substituída recorrendo-se às insígnias fálicas. Eis porque Lacan (1972/2003, p. 475) insiste em afirmar que “não há relação sexual” no que tange às formas de inscrição sexuada do corpo.

A fim de extrair alguma leitura das referidas inscrições, é necessário observar a utilização da escrita lógica que Lacan toma emprestada da matemática. Assim, o autor emprega símbolos que podem ser descritos, nas fórmulas proposicionais, como: “ \exists ” para “existe algum”, “ \forall ” para “todo”, “ Φ ” para “falo” e “ x ” para “ser”. Há ainda a utilização de uma barra horizontal que designa a anulação do que sob ela se escreve. Quanto às identificações sexuais, tem-se: “ $\$$ ” para “sujeito barrado”, “ Φ ” para “falo”, “ a ” para “objeto pequeno a ”, “ $S(A)$ ” para “significante da falta no Outro” e “ \mathcal{A} ” para “Outro barrado” ou “A mulher não existe” (Lacan, 1972-73/2008).

Ao recorrer à letra, Lacan abre espaço para que o real possa se imiscuir numa escrita que forneça suporte para algo passível de ser falado, tendo efeito de transmissão. Isso porque “a letra que constitui rasura distingue-se por ser ruptura, portanto, semblante” (Lacan, 1971/2009, p. 114). Como semblantes, as letras de um escrito, como o proposto por Lacan, não são mais que traços a serem enxertados de sentido em certo uso significante.

O quadro abaixo sistematiza como Lacan (1972-73/2008, p. 84) escreve as fórmulas da sexuação:

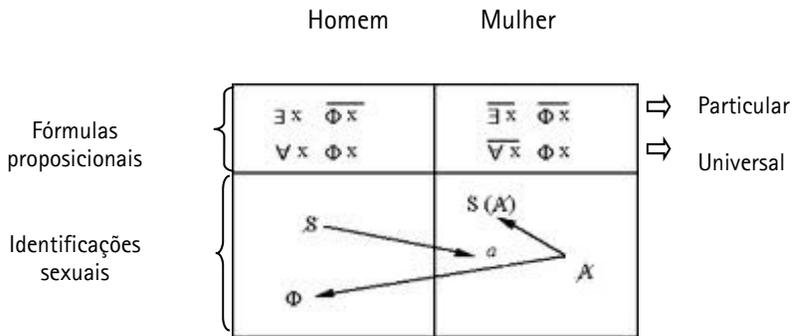


Figura 1. Quadro com fórmulas proposicionais da sexuação e identificações sexuais.

Tirando consequências lógicas do mito desenvolvido por Freud (1913[1912-13]/2006) em “Totem e tabu”, Lacan (1972/2003) aponta que certos sujeitos creem um dia ter existido ao menos um ser cuja vivência gozosa foi plena, não tendo o falo gerado nenhum efeito sobre ele. Tal tese é descrita por Lacan, ao nível da particular, como $\exists x \bar{\Phi}x$, podendo ser lida da seguinte forma: existe algum — ao menos um — ser para quem a função fálica não opera. O autor a comenta com o neologismo *ahomensum* (Lacan, 1972/2003). Esse é o sentido construído por aqueles que lidam com o traumático colocando-o na ordem de uma perda a ser recuperada com um objeto. Com base na crença dessa exceção, alguns falantes sustentam a esperança dessa experiência plena ser passível de repetição. Contudo, não sabem muito bem o que fazer para alcançá-la. Assim, na universal masculina, todos os seres são castrados: $\forall x \Phi x$. Eis como Lacan (1972-73/2008) escreve o lado todo fálico, no qual se colocam aqueles que se submetem à linguagem, ditos homens.

Em outra via, há aqueles que encaram a face real para qual conduz o trauma do golpe significante. Tais falantes não observam a existência de certo modo ideal de gozar, como aquele balizado pela exceção. Logo, a existência de ao menos um ser não castrado é nula no nível da particular: $\bar{\exists}x \bar{\Phi}x$. Isso significa que a busca pelo objeto deixe de ser um recurso ao

qual se lance mão no que tange à satisfação? Não. O recurso fálico vigora, todavia, não quer dizer que seja o único meio possível. Há várias formas dar tratamento ao que se passa no corpo e é isto que se apresenta nesse modo de gozo. Cada um poderia encontrar a sua, posto que a referência ao falo se dá, mas, neste caso, não compromete o que aí pode haver de singular. Logo, $\forall x \Phi x$, isto é: não havendo norma unívoca no plano da universal, a castração acontece de forma não toda. Tal caso é designado no lado mulher (Lacan, 1972-73/2008).

Nesse contexto, todos os falantes são homens. O gozo fálico tem base na busca do sujeito por um objeto que o faça gozar, tal como ocorreu com aquele ao menos um ser não castrado. Assim, é um modo de gozo regido pela fantasia derivada do ideal de exceção: $\$ \rightarrow a$. Pode ser considerado aquele que designa o sexo como *Um*.

A sexualidade masculina, então, estabeleceria – igualmente, para todos – uma relação possível com o corpo próprio, do qual se pode falar. Os homens, dessa feita, são todos os seres que, independente da anatomia, são sujeitos barrados. Nessa lógica, quanto ao gozo, o conjunto “todos os homens” equivale a “todos os falantes”.

De outro lado, a sexualidade feminina demarca uma via de gozo que, por não ser a do *Um*, pode ser qualquer outra, pois *Outro* será o modo de gozo. O corpo, nesse caso, assume o estatuto de ser outro para ele mesmo, sem deixar de ser castrado, *A*. No campo do feminino, além da via fálica, $A \rightarrow \Phi$, desdobram-se maneiras de gozar tão particulares que não poderiam ser descritas de todo por cadeias significantes, denotando a insuficiência da própria estrutura, ou seja: $A \rightarrow S(A)$. Elas ultrapassam a estrutura, liquefazem suas fronteiras e não são passíveis, a partir de balizas “in-significantes”, de redução ao conjunto “todas as mulheres” (Lacan, 1972-73/2008).

Daí Lacan (1971/2009) afirmar: “é impensável dizer *A* mulher [...]. Porque não podemos dizer *todas as mulheres*” (p. 99), acrescentando depois: “refiro-me ao em-si d’*A* mulher, como se pudéssemos dizer *todas as mulheres* – *A* mulher, insisto, essa que não existe, é justamente a letra como significante de que não há *Outro S(A)*” (p. 102).

Uma a uma é que existe a mulher. Não há todo ao qual elas se encaixem. Isso, Lacan pontua, é o mesmo que dizer que o *Outro* sem

barra não existe, porque sempre haverá um impossível relativo ao corpo, um ponto perene de semblante que não pode se fazer cadeia significante. Assim, ele permanece no real, tal qual o umbigo do sonho destacado por Freud (1900/2006b) como uma existência impossível de ser significada. Nas palavras de Lacan (1971/2009, p. 69): “A mulher não existe. A existência dela é um sonho de mulher”. Observa-se que Lacan faz equivaler o *A*, que designaria um todo para o feminino, a isto que existe em outro registro que não o simbólico e o imaginário. Resta como registro real: ex-siste e remete à Coisa freudiana, *das Ding*, objeto sem face buscado pela regressão alucinatória no sonho (Freud, 1900/2006a).

Nesse contexto, compreende-se a impossibilidade da relação sexual pelo fato de só haver um sexo, o masculino. As mulheres, só existindo uma a uma, não constituiriam um conjunto fechado com elementos bem definidos, e sim um campo não todo passível de circunscrição (Lacan, 1971-72/2012). Logo, elas não poderiam formar “O segundo sexo”, como escreveu Simone de Beauvoir (1949). O Outro sexo, como um todo, não pode ser senão uma miragem, percepção alucinada pelo falante por uma via onírica. Eis a razão de *A* mulher só pode existir enquanto sonhada numa sexuação sintomática que encarna na diferença sexual uma inscrição universalizante dos corpos.

Tal sexuação sintomática toma como parâmetro a pequena diferença e é difundida como uma realidade fundada em consequência de um dado da natureza. Isso nos leva a pensar, com base em Freud (1917[1916]/2006), que a diferença sexual expressa no binarismo homem/mulher seria uma tentativa do sujeito em lidar com a angústia da própria divisão a partir de uma formação de compromisso que gera, ao mesmo tempo, satisfação e pesar.

Fantasia e realidade são aí aproximadas a partir de uma fixação que talvez componha o mais humano dos sintomas: a diferença sexual. Destarte, ao tentar dar nomes ao real, o falante busca reduzir seu impossível à impotência representada por um sintoma. Eis o que leva à compreensão da diferença sexual como uma sexuação sintomática. Segundo Lacan (1971/2009, p. 156 e 157):

[...] todo discurso possível só apareceria como sintoma que, no interior da relação sexual e em condições que, como de hábito, reportamos à

pré-história, aos domínios extra históricos, facilita, dá uma espécie de sucesso ao que poderia se estabelecer de artificial, de suplência ao que falta, e que está inscrito no ser falante.

Como coloca Lacan (1974/2003, p. 531), “o impasse sexual secreta as ficções que racionalizam a impossibilidade da qual provém”. Cada sujeito se arranja a partir do modo particular como os significantes marcaram seu corpo, estabelecendo uma inscrição referente à *verdade* que lhe concerne numa estrutura de ficção fálica ou não toda fálica. Todavia, fazer disso uma *realidade* amalgamada ao binarismo sexual é uma construção tão bem quanto mal gamada para fixar o real em cacos de linguagem que não deixam de apontar para a impossibilidade de lhe dar um nome.

Em paralelo a esse acoplamento dos modos de gozo aos corpos sexuais, observa-se, com as elaborações lógicas de Lacan acerca do não todo, uma via aberta a diferentes formas de dar um tratamento ao gozo. Aí haveria, quem sabe, meios de cunhar novas frases a partir das mesmas letras marcadas no corpo, forjando formas de tratamento para o gozo que se dão singularmente, podendo surgir em análise como *sinthoma*.

UMA MULHER: OUTRO CORPO A SER LIDO, MAS NÃO DE TODO

Quanto ao sonho, Freud (1917/2006, p. 84) o descreve como uma *regressão tópica* na qual ocorre “a reversão do curso da excitação do *Pcs* pelo *Ics* até a percepção”, havendo “um retorno ao estágio primitivo que denominamos satisfação alucinatória do desejo”. Assim, no processo onírico o objeto impossível do desejo ganha forma pela deformação dos objetos da demanda, o que gera o aspecto de *nonsense* com ares de realização do desejo para o sonhador.

Isso acontece a partir de uma transmutação: daquilo que se fala para traços, os quais, tal qual letras, compõem o sonho como se fosse uma escrita em imagens. Segundo Freud (1917/2006, p. 85): “no sonho todas

as operações realizadas sobre as palavras são apenas preparativos para a regressão às coisas”. Por isso Lacan (1961[1958]/1998) ressalta que as cifras do sonho, ao apontarem para o desejo, devem ser lidas ao pé da letra.

“Como uma carta cifrada, a inscrição onírica, quando examinada de perto, perde sua primeira impressão de disparate e assume o aspecto de uma mensagem séria e inteligível” (Freud, 1900/2006a, p.170). Utilizando-se de expressões como “escrita do sonho” para descrever seu conteúdo e “tradução” para localizar o trabalho do analista frente ao que associa o sonhador, Freud aponta para uma relação entre o sonho e a produção de um texto. Apresentando-se como um rébus, o sonho pode ser lido na escuta analítica de sua escrita cifrada e singular.

Se entendemos que o semblante é um sinal passível de ser tomado como significante e que a escrita “é alguma coisa que, de certo modo, repercute na fala” (Lacan, 1971/2009, p. 77), o sonho nos leva a caminhar no sentido inverso. Indo da fala ao escrito, ele reduz o discurso aos semblantes. Desse modo, no “texto do sonho”, como o refere Freud (1900/2006a), das palavras são extraídos seus componentes mais rudimentares, possibilitando que outras frases sejam escritas com as mesmas letras.

O processo de regressão também caracteriza a formação dos sintomas. Freud (1917[1916]/2006, p. 363) coloca que, assim como o sonho, “o sintoma emerge como um derivado múltiplas vezes distorcido da realização de desejo libidinal inconsciente”. Todavia, a diferença entre sintoma e sonho reside no fato do último ser mais tolerante ao *nonsense*, uma vez que a censura da consciência, apesar de não cessar, tem seu funcionamento literalmente adormecido durante o estado de sono.

A formação sintomática exige, então, muito mais realidade para a sua construção, pois a censura está em alerta. Daí o recurso à regressão não conseguir chegar até o estágio de percepção alucinatória. É possível, porém, chegar a pontos que guardaram uma satisfação bastante intensa do passado pela via da *fixação*. “Pelo caminho indireto, via inconsciente e antigas fixações, a libido finalmente consegue achar uma saída até uma satisfação real — embora seja uma satisfação extremamente restrita e que mal se reconhece como tal” (Freud, 1917[1916]/2006, p. 363).

Assim, como coloca Freud (1917[1916]/2006, p. 364), os sintomas criam “um substituto das satisfações frustradas” da atualidade por meio da tentativa de repetir, com base em uma fixação pretérita, um ponto da vida dos falantes “no qual sua libido não se privava de satisfação, no qual eram felizes”. Desse modo, seria possível dizer que, com base na repetição constante da mesma leitura para dada escrita de gozo no corpo, é ao sentido que os sintomas visam.

É necessário resguardar atenção a esse termo: sentido. Segundo Lacan (1975a/1998, p. 09), “é sempre com a ajuda de palavras que o homem pensa. E é no encontro dessas palavras com o seu corpo que alguma coisa se esboça [...]. É aí que se coloca o sentido”. Vê-se, então, que o sentido nada mais é do que a tentativa de dar algum contorno ao que se passa no corpo marcado pela linguagem. Em outras palavras, é um meio de dar algum tratamento ao gozo. Seria uma tentativa de traduzir o que, no corpo, é sentido. Mas, como dito anteriormente, isso é impossível. Afinal, as representações não alcançam o real da coisa representada.

Portanto, o sintoma e seu sentido irão resultar em mal-entendido, falha, prejuízo, sofrimento... E nem por isso vão deixar de buscar satisfação ao se apresentarem nas repetições que aparecem para que o analista as leia. Pois “o sentido do sintoma é o real, na medida em que ele se põe de través para impedir que as coisas caminhem, no sentido em que elas garantam a si mesmas de modo satisfatório” (Lacan, 1975[1974]/ 2011, p. 18).

Tomando a diferença sexual como sintoma que tenta re-escrever o traumático da sexuação sempre com um único e mesmo *sentido*, o sonho pode ser observado como formação que visa dar corpo ao impossível de A mulher, mas só consegue topiar com uma falta de sentido. A mulher existe, jaz em rastros de letra a ser escrita, sem que o escrito a possa de fato alcançar de todo. “Há mulheres, mas A mulher é um sonho do homem [...]. Porque elas não consoam, se posso me exprimir assim, com seu inconsciente” (Lacan, 1975a/1998, p. 11). Desse modo, ela poderia apenas se apresentar sem ser lida por inteiro, na tentativa sempre frustrada de torna-la passível de ser falada, de um modo semelhante a uma percepção alucinada por esforços oníricos.

“Aí está o escrito, portanto, como aquilo de que é possível falar” (Lacan, 1971/2009, p. 78). Como visto, os atos de linguagem, enquanto balizados pelo instrumento fálico, guardam em si o paradoxo de que as possibilidades simbólicas engendram impossibilidades reais. O manejo da escrita permite tratar o real, de alguma forma, pelos meandros simbólicos, evidenciando o quanto os pilares fálicos só se fazem sustentar pelo limite à significação. Quanto ao analista, cabe, então, escutar a fala de seus pacientes como verdadeiros escritos, que talvez possam apontar para o real sem tentar suprimi-lo.

Escondido na fixação do nome d’A mulher, o impossível se apresenta em significantes que tentam lidar com o que ele isola de real – aquilo para o que o sentido do sintoma aponta.

Ora, A mulher é inalcançável e deriva dos limites do corpo à deriva na linguagem, tentando ser falado a partir de uma sexuação sintomática. Uma mulher, por sua vez, com seu modo de gozo suplementar, traria outras possibilidades.

O NÃO TODO COMO VIA PARA O SINTOMA

Lacan (1975b/2003, p. 565) afirma: “uma mulher, por exemplo, é sintoma de um outro corpo”. Diante do que já foi exposto, pode-se extrair que uma mulher, com sua abertura ao não todo, ao mesmo tempo em que tem seu gozo tratado em contornos fálicos, deixa brechas para que o real se apresente como o que é sentido no corpo – corpo Outro, que goza sem tradução em palavras.

Daí a observação quanto ao não todo ser uma via para o sintoma. No seminário, livro 23, Lacan (1975-76/2007) enuncia que os três registros – real, simbólico e imaginário – só se sustentam para fins de estrutura quando enodados por um quarto elo, o qual comumente é conhecido como Nome-do-Pai. Lacan, porém, observa que nem sempre o Nome-do-Pai compõe tal amarração, como aponta ser o caso de James Joyce.

Isso não significa que o escritor irlandês não apresentava uma amarração dos registros. A proposta lacaniana, a partir dos escritos de Joyce e do

que ele parece ter brilhantemente feito em sua estruturação psicótica, é que seria possível haver um quarto nó concernente a uma versão muito singular do pai, uma *père-version*. Nas palavras de Lacan (1975-76/2007, p. 163):

O pai como nome e como aquele que nomeia, não é o mesmo. O pai é esse quarto elemento [...] sem o qual nada é possível no nó do simbólico, do imaginário e do real.

Mas há um outro modo de chama-lo. É nisso que o que diz respeito ao Nome-do_pai, no grau em que Joyce testemunha isso, eu o revisto hoje com o que é conveniente chamar de *sinthoma*.

Assim, entende-se que Lacan apresenta o *sinthoma* como uma espécie de tratamento muito específico para o gozo, que se enlaça a partir de uma amarração radicalmente singular entre os registros. Como esclarece Rinaldi (2006, p. 79), o *sinthoma* “funciona onde o traçado do nó falha, no lapso do nó. A arte de Joyce substancializa em sua consistência e em sua existência o quarto termo essencial ao nó, aproximando-se dele o mais possível”.

À diferença do sintoma, enquanto aquilo que vem do real e mostra o sujeito em sua sofrida divisão no plano de algo do gozo que tenta se sustentar como compartilhável, o *sinthoma*, como “o que há de mais singular em cada indivíduo” (Lacan, 1975-76/2007, p. 163), pode ser apenas testemunhado, sem nenhuma legibilidade de sentido.

Ora, Joyce certamente parece ser um falante sem par, único em seu tratamento de gozo, construindo uma versão do pai para sustentar a vida... Como uma mulher?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Joyce desdobra uma *père-version*, eis a tese de Lacan no seminário sobre o *sinthoma*. A partir desse ponto, seria possível propor que ele o faria analogamente ao que Lacan apresenta em suas fórmulas da sexuação acerca das mulheres. Uma a uma, elas teriam seu gozo referido ao falo, mas de modo Outro que não o masculino.

Isso, contudo, coloca a questão: seria possível dizer que Joyce forja seu *sinthoma* por meio de uma via não toda? A partir do percurso traçado ao

longo do texto, desde os apontamentos freudianos acerca da singularidade na tessitura de teorias sexuais infantis até os desdobramentos de Lacan sobre a sexuação, considera-se que sim.

Tomando Joyce como exemplo, entende-se que o falante se esforça em operar soluções para dar algum tratamento ao gozo, o que tende à inscrição de seu corpo como sexuado. Tais soluções seriam irremediavelmente singulares, podendo haver distintas versões do pai no enlaçamento que cada falante traça para sustentar sua existência.

Considera-se a leitura de Lacan acerca de Joyce como pilar teórico de extrema relevância para a clínica. A experiência em diferentes serviços da rede pública de saúde mental trouxe questões acerca da direção do tratamento de sujeitos que em suas falas não necessariamente sustentam uma amarração dos registros real, simbólico e imaginário que se possa considerar bem organizada no que tange ao sexual.

A presente proposta é de que há um esforço singular com vistas a dar algum sentido àquilo que se passa no corpo, o que se entende como tributário à operação de sexuação. Isso, contudo, não precisa ser equivalente ao emparelhamento entre dois modos de gozo e uma definição rígida quanto à diferença sexual binária. Se assim fosse, Joyce provavelmente não teria conseguido forjar uma versão do pai para dar sentido a sua existência, pois o fez a partir do que se entende como uma saída feminina, isto é, não toda.

Ora, assim como é impossível que a representação substitua a coisa, não é possível que a significação sexual estabelecida discursivamente substitua plenamente os meandros corporais do gozo.

Concluindo este texto, deve-se ressaltar que as presentes considerações seguem em processo no percurso de uma pesquisa acadêmica. Desse modo, propõe-se uma última provocação: o sinthoma, com suas versões do pai, apontaria para a operação de sexuação pertinente não apenas a neurose, mas também à psicose?

Não será possível desenvolver o referido ponto neste texto. No entanto, cabe retomar o título deste trabalho como caminho: “A escrita do sinthoma segundo a lógica não toda fálica”, pois, indo além do erro comum referido para todos os castrados no laço com o Outro, destaca-se algo que suplementa o falo. Trata-se do não todo como via para a escrita do sinthoma

ou, pelo menos, para tentativas de fazê-lo. Segundo Lacan, esta foi a saída de Joyce, um escritor sem igual. Outras soluções, contudo, podem ser rascunhadas por cada falante, não a partir de uma organização esperada, mas com base nos recursos que dispõem para lidar com as marcas de gozo que se imprimem no corpo.

Essa é uma aposta relevante à clínica, em especial no campo das psicoses. Afinal, ele ensina os analistas a escutarem os corpos que se gozam, seja qual for a estrutura a partir da qual se organizam, cada um a seu modo.

REFERÊNCIAS

- Beauvoir, S. (1984). *Le Deuxième sexe*. Paris, FRA: Idée/Gallimard. (Original publicado em 1949)
- Freud, S. (2006a). A interpretação dos sonhos (I). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad.) (Vol. 4, pp. 13-363). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1900).
- Freud, S.(2006b). A interpretação dos sonhos (II). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad.) (Vol. 5, pp. 371-770). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1900)
- Freud, S. (2006). Sobre as teorias sexuais das crianças. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad.) (Vol. 9, pp. 189-204). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1908)
- Freud, S. (2006). Totem e Tabu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad.) (Vol. 13, pp. 13-163). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1913 [1912-13])
- Freud, S. (2006). Conferência XXIII: O caminho da formação dos sintomas. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad.) (Vol. 16, pp. 225-270). Rio de Janeiro, RJ: Imago.(Original publicado em 1917[1916])

- Freud, S. (2006). Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud* (L. A. Hanns, trad.) (Vol. 2, pp. 75-98) Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1917)
- Lacan, J. (1998). A significação do falo. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 692-703). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 585-652). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original publicado em 1961[1958])
- Lacan, J. (1998, dezembro). Conferência de Genebra sobre o sintoma. *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, 23, 6-16. (Original publicado em 1975)
- Lacan, J. (2003). O aturdido. In J. Lacan, *Outros Escritos* (pp. 448-507). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original publicado em 1972)
- Lacan, J. (2003). Televisão. In J. Lacan, *Outros Escritos* (pp. 508-543). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original publicado em 1974)
- Lacan, J. (2003). Joyce, o sintoma. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 560-566). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original publicado em 1975)
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original publicado em 1975-76)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original publicado em 1972-73)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original publicado em 1971)
- Lacan, J. (2011, dezembro). A terceira. *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, 62, 11-36. (Original publicado em 1975[1974])
- Lacan, J. (2012). *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original publicado em 1971-72)
- Rinaldi, D.(2006). Joyce e Lacan: algumas notas sobre escrita e psicanálise. *Pulsional: revista de psicanálise*, 19(188), 74-81.
- Souza, J. N. (2008). *Lógica para ciência da computação: uma introdução concisa*. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier.